

COLABORAÇÃO DE ALUNOS

A UTOPIA RADICAL DE RUBEM ALVES

(Um estudo na obra "Filhos do Amanhã")

Maria Escolástica A. S. Gomes

Aluna do curso de Filosofia — PUC-CAMPINAS

"A tragédia da utopia é a tragédia da cruz. Os criadores são conduzidos ao cadafalso por causa precisamente de sua visão"¹.

Pobres daqueles que possuem tochas com que iluminar o caminho: há os que preferem a escuridão. Se é noite, se não há sinais — nem lua nem estrelas — a ordem é sintonizar os passos num só ritmo para que o rebanho se mantenha unido; mesmo se se está a andar a esmo. A estrada sabe onde vai.

Mas existem as ovelhas transviadas, os filhos pródigos: seu destino é desfazer destinos. Devem ser crucificados. Seu delito? A paixão pela vida, seus valores, sua liberdade: uma utopia.

A visão utópica é um ato de rebeldia; significa o poder de dizer NÃO a uma situação que aprisiona o homem em modelos que ele não escolheu; modelos que limitam sua liberdade à escolha de tais produtos, tal conduta, tal ideologia. Na verdade, trata-se de liberdade de "supermercado": joga-se à vontade, mas, que não se alterem as regras do jogo.

Nossa civilização, construída sob os pressupostos do realismo pragmático representa as correntes de nosso cativeiro; sua metafísica direciona nossos pensamentos; suas limitações, o nosso espaço. "O pragmatismo é incuravelmente otimista; pressupõe que não há nada de errado com o sistema"². Entretanto, a própria vida possui um mecanismo seu para detectar um caminho falso, ou seja, a dor. Um organismo se defende rejeitando o sofrimento; ora, a organização social é uma extensão de nossa estrutura biológica. Se, um de seus membros sofre, algo não funciona bem.

Aqui está a fonte onde se nutrem as utopias: o sofrimento. É daquilo que está ausente, daquilo que está faltando ao real que se constrói a esperança. E o que significa a esperança senão o "pressentimento de que a imaginação é mais real, e que a realidade é menos real do que parece?"³

Nesta afirmação está contido um importante elemento de poder, a fé, sem o qual não seria possível a transformação social. O desejo direciona a ação; a fé é o seu suprimento de força e poder.

Diante do discurso realista do pensamento racional científico — e aquém de seu veredicto — Rubem Alves reabilita a questão da utopia; reafirma sua expressão criadora reconciliando-a com a história.

Rubem Alves é um poeta-filósofo; penetrar na aura mágica de seu pensamento é tarefa que exige, antes de tudo, liberdade de espírito e ausência de dogmatismos de qualquer espécie. Àqueles que lhe cobram uma postura política definida ou alguma manifestação ideológica dentro das minguadas alternativas que existem, Rubem Alves acena com a sua “utopia radical”.

A vocação do homem para a liberdade exige uma amplidão de espaços de tal ordem que sua política não se encaixa em sistema algum. Os revolucionários acreditam que é suficiente destruir o antigo; não compreendem que qualquer ato que se preocupe apenas com a negação está condenado ao fracasso. Com amarga tristeza já advertira Berdjajev que “é uma ilusão pensar que a revolução implica a ruptura com o antigo. O que acontece é simplesmente que o antigo se disfarça e aparece com uma máscara diferente. A escravidão antiga troca de traje, a velha desigualdade fica transformada em nova desigualdade”⁴.

Significará isto que a ordem antiga não deve ser abolida? Estaria o filósofo justificando uma atitude conservadora?

Pelo contrário: à morte segue-se a ressurreição. Em outras palavras: o ato revolucionário negativo sem a afirmação, sem o “projeto” é um ato reacionário. Aceitar as regras do jogo significa negar a atividade criadora do homem. Por que razão teria Jesus negado a fazer o jogo político dos poderosos — “devemos pagar tributo a César?” — sua intenção não era jogá-lo mas sim, aboli-lo⁵.

A “utopia radical” não é um sistema; é, antes, um processo em aberto. É um apelo incessante ao poder da criatividade e da imaginação. Note-se que a condição essencial num processo criativo é que ele seja portador de um sentido ético, que expresse uma intenção utópica e, conseqüentemente, política.

3. A perspectiva panorâmica da utopia radical de Rubem Alves exige uma postura mental dimensionada pela liberdade; esta exigência pode ser um verdadeiro “bloqueio” devido ao paradigma racionalista de nossa cultura ocidental. Seus pressupostos realistas são como pedras atadas aos pés.

Numa linguagem bíblica, a oposição na religião de Israel ao culto de Baal e seus similares se devia aos elementos de des-futurização neles contidos. Toda ideologia cujo pressuposto seja unir o homem aos ciclos da natureza possui uma forte conotação conservadora, repressiva e hostil à imaginação e à liberdade⁶.

Em nossa cultura ocidental, o mito da objetividade converte a consciência em espelho da natureza, do dado. O “status” de real é concedido pelo poder através de uma linguagem própria, linguagem esta que estabelece de antemão os limites do mundo visível e quantificável.

Ora, o segredo do realismo reside apenas na “transubstanciação mágica que efetua ao chamar a organização com o nome de realidade”⁷. Do outro lado ficam definidos “a priori” os irracionalismos: utopias, brinquito, arte, neuroses. Em última análise, o irracionalismo define a realidade humana, aquela que é tecida de desejos e emoções: linguagem subversiva, herética e perigosa.

Estas são as correntes invisíveis da metafísica realista às quais nos descobrimos fortemente atados, e que tanto nos dificultam seguir, espaço afora, o vôo dos “patos selvagens”: vôo este que, longe de representar um projeto de “emigração”, descobre apenas a sua própria fala, a sua linguagem própria, linguagem humana, de rebeldia e liberdade.

É surpreendente perceber que não existe uma codificação formal para as expressões essencialmente humanas, para manifestar suas aspirações e seus desejos; o monopólio sobre o território livre do coração é exercido pelo sistema sob a forma de controle da linguagem. Daí que os homens necessitem construir universos simbólicos, regiões transcendentais onde se movem os sonhos, as utopias, a magia, a religião. O coração é um território extremamente subversivo e deve ser isolado, marginalizado através de rótulos: irrealismo, neurose, irracionalismo.

Contra tudo e apesar de tudo que o proíbe, o homem tem o poder de dizer NÃO a determinada realidade: “... não é por casualidade que se chamam utopias; segundo os gregos, nenhum lugar”⁸. O que o filósofo quer dizer é que as utopias são um sonho “impossível” apenas porque refletem o impossível da realidade de onde surgem.

4. O que significa uma utopia ?

A utopia é algo que nos remete ao inexistente, e de certa maneira, transcende o dado. Em oposição à ciência, que é submissa ao dado, a utopia se refere à ausência de alguma coisa, todavia fundamental para o ser; entretanto, da ótica da ciência, a utopia é um discurso falso.

O homem se move, numa linguagem psicanalítica, entre dois pólos opostos: o princípio da realidade e o princípio do prazer. Sabemos da irreconciliável oposição entre os valores do indivíduo e os do sistema social. Descobrimos que o sofrimento nasce no momento em que nos sentimos exilados, sem lugar no mundo⁹. As coisas que amamos como a paz, a justiça, a liberdade, o brinquedo e tantos outros mais, são valores abolidos em nossa realidade, valores distorcidos e manipulados pela lógica do poder.

Como pode o homem articular uma linguagem de protesto para sua sobrevivência, numa realidade hostil ? Construindo pontes simbólicas que o ligam aos objetos de seu desejo, através de atitudes mágicas, através de jogos, da arte, da religião, das ideologias, das utopias; estes são os instrumentos dos quais se vale a personalidade para opor a sua resistên-

cia. Quando a resistência desaparece, desaparece também a personalidade, e com ela a possibilidade do ato criativo¹⁰.

O elemento utópico da consciência se origina numa atitude de **rejeição** do presente e de **projeção** do futuro. Esses dois elementos são inseparáveis numa utopia; um ato de rejeição sem o projeto leva a mecanismos de fuga. A alienação religiosa criticada por Freud é um exemplo; o misticismo, a contracultura, os "hippies" representam apenas atitudes de evasão, de rejeição: possuem conteúdo niilista, uma vez que não apresentam nenhuma proposta política de transformação da realidade. Possuem força política enquanto atitude de protesto e rejeição do antigo, mas carecem de poder de criação, por falta de um projeto utópico. São movimentos estéreis.

O projeto simplesmente, sem a rejeição do presente, é apenas uma expressão de ingenuidade, de otimismo; se inspira nos critérios do desenvolvimento orgânico, que conserva o presente, mas sob nova forma¹¹. Nesta corrente se inscrevem os evolucionistas, os progressistas, preconizando a civilização como movimento vertical de crescimento. Mas a idéia de evolução na história exige a aceitação de alguns postulados fundamentais, e um deles é a existência de certa ordem natural, uma direção preestabelecida, uma inteligência se manifestando de forma autônoma e independente do homem. É possível a idéia de evolução no materialismo dialético apenas porque se admite "a priori" que na tese já se encontra imanente a solução do problema, ou a sua antítese. Nesse contexto, o homem se torna mero instrumento de uma Razão objetiva que se realiza na história.

Mas o humanismo de Rubem Alves rejeita vivamente esta concepção: a solução do problema é uma incógnita e cabe ao homem criar seu próprio caminho. Seu poder é dado pela sua criatividade. Neste sentido as forças materiais da sociedade podem condicioná-lo, nunca determiná-lo.

5. Implícito no ato de rejeição à realidade opressora está o despojamento interior da ideologia dominante, reduzindo à sua mínima expressão todo um sistema de valores herdado culturalmente. Nesse estado de "desarmamento" interior diante de um jogo no qual se recusa participar, o homem adquire uma visão clara de seus desejos e aspirações reais, daquilo que lhe falta realmente; nasce então a esperança de um futuro que lhe sorria, um projeto utópico. Note-se que a liberdade para negar o presente lhe proporcionou o poder para criar o futuro. Em seu discurso Rubem Alves privilegia a liberdade como manifestação da vocação humana; o movimento do cativo para a vida representa uma aspiração profundamente arraigada no homem: a sua eterna busca de liberdade.

Da liberdade nascem as utopias e as esperanças, as possibilidades e as soluções. Sem determinismos, sem definições. Tudo se fazendo e refazendo, continuamente. A vida é fluida, diz o poeta.

Esse caráter de imprecisão, de indefinição, pode ser, às vezes, desconcertante, mas possui um sentido específico em seu discurso; significa uma tentativa de recuperar ao homem a sua fala, a sua expressão humana. Significa uma tentativa de reatar o fio de suas aspirações a alguma possibilidade concreta, ainda que remota, numa realidade que se diz totalmente independente de seus desejos. Num desafio à lógica do racionalismo e à ciência marxista da história, ele busca religar a imaginação criadora à história.

A voz do filósofo muitas vezes soa como um convite a que nos desfaçamos das correntes do determinismo em suas múltiplas "cantilenas", venha ele dos mecanismos psicológicos freudianos, das forças autônomas da história ou, ainda, da lógica castradora do realismo pragmático.

A liberdade, entendida como produto do determinismo histórico se tornaria, no dizer de Berdjaev "apenas um elemento na dialética da necessidade", além do que facilmente se comprova, nas manifestações históricas da liberdade, a evidência de suas raízes antropológicas. Na relatividade dos diversos sistemas ao longo da história nada nos induz a pensar em termos de determinismos.

6. É significativo que as pessoas que anseiam pela liberdade se movam num tempo-espaço próprio, organizado segundo uma lógica própria, tal qual a lógica dos brinquedos: "o brinquedo tem um significado ético e profético, não porque possua ele tal intenção, ele simplesmente representa a possibilidade de uma ordem social diferente. O brinquedo implica a negativa radical e a rejeição à lógica do mundo adulto. Proporciona prazer e isto é o bastante"¹².

Aí está o elemento subversivo da liberdade, dos brinquedos, da utopia, da imaginação: a possibilidade não de ganhar, mas de alterar radicalmente as regras do jogo. A partir do momento em que se considera a "onipotência do desejo"¹³, a realidade fica submetida ao reino do possível e a "vontade do homem pode chegar a criar um mundo no qual ele possa ser feliz"¹⁴.

A dimensão lúdica do homem foi transformada em mais um elemento passível de manipulação pela sociedade industrial; a imaginação modular, funcional, a serviço do sistema "cria" incessantemente novas formas de lazer, novos brinquedos, jogos diversos: o esquema produção-consumo é uma boca imensa, escancarada, faminta, para a qual o homem é o prato por excelência. Seus desejos, suas aspirações, sua arte, sua imaginação, tudo é transformado em mercadoria. "No momento em que a imaginação se transforma em "função" do sistema, ela perde sua capacidade para transcendê-lo." Pelo contrário, "a criatividade se torna um elemento disfuncional na medida em que ela permite ao homem pensar sistemas alternativos ao existente"¹⁵.

Aí está o incrível poder coercitivo da sociedade, “como medida de todas as coisas”, delimitando quantitativamente a realidade em termos de funcionalidade.

É contra essa estrutura opressora, desumanizante, desfuturizante, que utiliza o ser humano como meio, sem considerar que “a vida é um fim em si mesma”¹⁶, que o filósofo Rubem Alves edificou o seu discurso crítico; no cerne de seu pensamento está o seu amor pela humanidade ameaçada em cada ser humano.

Há uma linha harmoniosa unindo o filósofo, enquanto analítico e o poeta, em sua criatividade: enquanto um dissectiona o corpo em putrefação de uma realidade hostil à vida em suas múltiplas cores, o poeta “chama à existência as coisas que não existem”¹⁷. Sua utopia não tem uma forma acabada, não se cristaliza numa idéia ou num sistema; pelo contrário, é a busca de um processo que se mantém permanentemente aberto. É uma utopia radical porque seu futuro não é um dia nem um lugar, mas um horizonte permanente.¹⁸

7. A realização da liberdade no processo histórico aparece fundamentalmente ligada a um projeto social de liberação de um povo. A liberdade como um fim em si mesma é estéril, “não seria o poder que fecunda, que cria o novo, que dá vida”¹⁹.

A liberdade é uma utopia, e como utopia ela está carregada de elementos éticos e políticos. A força opressora das estruturas sócio-econômicas leva o homem a experimentar uma situação de exílio, uma sensação estranha de não se sentir em casa no mundo. “A escravidão é caracterizada pela contradição dolorosa entre os sonhos de liberdade e a consciência da impotência. Somente os sonhadores e visionários se sentem impotentes. Quem não sonha, quem não tem visões, se afoga no mundo estabelecido. Ele se adapta. Se faz funcional. E é feliz”²⁰.

Profundamente identificado com a situação de cativo dos povos politicamente oprimidos, o “humanismo messiânico” de Rubem Alves interpreta os momentos históricos não a partir de formulações ideológicas ou metodológicas, mas a partir da experiência concreta das lutas de um povo por sua liberdade. Considera a linguagem bíblica como o paradigma para a compreensão dos momentos de conflito e ruptura na história, quando o homem decide assumir a sua esperança e o seu poder criativo descobrindo a sua vocação para a liberdade.

O homem do Êxodo é aquele que ultrapassou o seu “topos” histórico, não só como indivíduo, mas como um povo, uma sociedade. Na experiência do povo de Israel, Rubem Alves encontrou a chave para a interpretação da história: o caráter utópico da vida humana. A utopia e a sua linguagem são o horizonte onde se movem os homens, porque somente

“a visão utópica libera o homem do determinismo das forças materiais que criam a compulsão da conduta inevitável”²¹.

8. A nova consciência da fé na América Latina é vista por Rubem Alves não como a maturação de um processo evolutivo da Igreja, mas como momento de ruptura, uma “metanóia” ou conversão: os velhos dogmas são minimizados em favor de uma fé que lentamente se faz como práxis libertadora. Percebe-se o fim da religião como ideologia e sua ressurreição como utopia. O amor deixa de ser um princípio para se transformar em ação: “o novo céu e a nova terra são imagens utópicas que constituem um protesto contra as condições dominantes do presente”²².

Esta possibilidade de liberação e humanização na história se apresenta segundo um processo dialético, que se fundamenta em três momentos da realidade social:

1º) “A realidade do velho como poder, usado como violência contra o novo para sua própria conservação”²³. Este primeiro momento representa as forças da estrutura social atuando no sentido de deter o fluxo da vida, conter o espírito criador do homem, manter enfim, a “estabilidade” da organização. Sob esta lógica está subjacente um “racionalismo” divorciado da razão, operando tal qual uma força invisível: por ela homens e nações são sutilmente manipulados e conduzidos. “... é o poder racionalizado, organizado, invisível, num grau de eficácia jamais alcançado antes, roçando quase a invulnerabilidade”²⁴.

Quem detém o monopólio desse estranho poder estruturado para além dos gemidos e protestos do ser humano ?

As estruturas desse monopólio invisível, porém concreto e definido são, de um lado as grandes empresas e seu império econômico; do outro, a fabulosa economia do jogo da guerra. A ciência, na medida em que é protegida e subvencionada pelo poder econômico e pelo militar, se torna um importante elemento aliado à máfia do poder.

Como se coordenam nesta tríplice aliança, o império econômico, militar e científico, para a manutenção desse poder ? Através de mecanismos de repressão: “a resistência pode ser vencida pela força bruta. Mais além de certos limites, a violência deixa de ser útil para conseguir seu propósito de controle. A longo prazo, o controle da imaginação é muito mais eficaz que o uso da violência”²⁵. Como agir para se controlar a imaginação das pessoas ? Entre outras coisas, pode-se “criar tantos objetos desejáveis que a mente se mantenha ocupada; novos automóveis, novos divertimentos, novos vestidos...”²⁶.

Entretanto, aquém da brutalidade dessa invasão, dessa vertigem de progresso e de “economia saudável”, muito além da lógica do “dinossauro” — crescimento, poder, força — existe um reduto dentro do

ser humano, território de ninguém, quase esquecido: a liberdade do homem, o seu poder de dizer NÃO.

2º) “A liberdade como poder usado contra a conservação, ou seja, como negação do negativo”²⁷. O processo de libertação na história só se torna possível através do conflito, da negação, de rupturas. Os hebreus possuíam este conceito dialético da história, ao contrário da concepção linear e harmônica dos gregos. Nas páginas do Antigo Testamento não encontramos formulações apriorísticas, mas fatos concretos revelando as lutas de um povo guiado pelo seu desejo de ser livre. Nesta vocação para a liberdade se encontra a chave para a compreensão da história: sem sistematizações, sem ideologias. Apenas um momento no caminho da humanização. “A mensagem bíblica do passado é clara: toda idolatria de reinos e sistemas está condenada ao fracasso; todos os absolutos são ídolos. A história não se pode sacralizar: é um permanente lugar de criação”²⁸.

A relativização da história é importante para a compreensão desse momento de negação na dialética das transformações sociais. O homem, para o “humanismo messiânico” é um ser no exílio; sua grande tentação é deslumbrar-se com suas obras, com o poder de suas mãos, seus ídolos. “Todas as instituições tendem a perpetuar-se sem modificações. Esta é uma razão pela qual elas inevitavelmente se chocam contra a vida. A vida é fluida”²⁹. A utopia radical de Rubem Alves consiste exatamente em não criar uma utopia, mas um processo que se mantenha permanentemente aberto e nunca acabado.

3º) “A liberdade como poder para criar o novo”³⁰. A essência desse momento na dialética do processo histórico, é a atitude de despojamento de modelos, teorias, identidades, tudo quanto possa de alguma forma tolher o movimento livre da criatividade. É o momento em que, esgotados nossos recursos, nos entregamos confiantemente ao acaso. A criação é um ato “ex-nihilo”, se processa num nível aquém de nossos processos mentais comuns. Há um ato de “graça” em cada criação: há algo de Deus.

Tomando os fatos do Êxodo como paradigma para a compreensão do futuro como liberação, chegamos à conclusão de que o povo de Israel não tinha condições “objetivas nem subjetivas” para se organizar: não possuía armas nem treinamento militar; sequer havia coesão interna no meio dele. “Os fatos liberadores foram então proclamados como atos de Deus. Ou seja, não eram simplesmente resultado das circunstâncias, mas sim, manifestação de uma liberdade transcendente que se fazia totalmente decidida a ser para um novo homem, um novo tempo e uma nova terra”³¹.

O fato fundamental do Êxodo é, pois, numa linguagem bíblica, a descrição histórica da intervenção divina na liberação de um povo. Trata-se não de “especulações metafísicas” mas da liberação concreta do homem “apesar de” sua inércia, de sua impotência, de sua fraqueza. Se

preferirmos uma linguagem secularizada, poderemos dizer que “seu poder vem de uma fonte que não é seu eu”³².

9. Conclusão:

Um dos momentos de grande beleza no pensamento de Rubem Alves é dado pelo conteúdo simbólico que retira da expressão bíblica de “morte e ressurreição”. Quando a estrutura social se torna enrijecida, carregada de elementos repressivos ao novo “tem que morrer. A linguagem bíblica nos diz que para salvarmos a vida, o corpo que se tornou caduco e senil — deixou de ser instrumento de expressão da vida e agora atua para reprimi-la — deve ser aniquilado”³³.

Esta capacidade de liberar-se de antigos modelos, em oposição aos conceitos deterministas e conservadores da história, é o que faz do homem um ser fundamentalmente livre. “Temos que chegar pela morte à ressurreição. Necessitamos nascer de novo”³⁴.

Trata-se de redimir a imaginação em nossa realidade social; por tanto tempo tolhida, amordaçada, sufocada pelos poderes conservadores do mundo inteiro, a imaginação — como principal requisito do ato criativo — é a única força de que dispomos para “começar de novo”.

Eis o horizonte simbólico que se descortina através da magia de uma palavra: ressurreição. Pressupõe rupturas, novas formas, novos paradigmas; a história é descontínua. A idéia de uma evolução histórica, de progresso, é uma idéia que não se sustém; o homem nunca esteve tão ameaçado em toda a sua dimensão humana.

Segundo Thomas Kuhn, a ciência se desenvolve mediante conceitos revolucionários que alteram profundamente sua direção; a idéia de um crescimento gradual e quantitativo é falsa. Na verdade, o que ocorre é que devido aos momentos de verdadeiro impasse na solução de problemas, o cientista abandona radicalmente aquele paradigma anterior e parte para um novo esquema, um novo princípio. Realiza um verdadeiro ato de “acrobacia” mental, saltando no vácuo, de uma lógica segura mas, inadequada, para outra que nem sabe ainda se existe; deve ser criada, porém. E toda criação se faz “ex-nihilo”, ainda que este fato seja incabível para nosso arcabouço realista.

Este modelo de Thomas Kuhn não se aplica apenas ao domínio da ciência: também a organização social está submetida a um processo constante de dissolução e construção. “Quando a imaginação modular esgota as suas possibilidades é chegado o tempo da imaginação criadora”³⁵.

A história tem sido escrita não como um evento que mostra as diversas alternativas, as possibilidades daquele momento, mas como engavetamento de fatos consumados. Isso pode levar à ilusão do ato “necessário” na história, aquele que prescinde do poder criativo do homem. “Pois

a história é também o que não aconteceu, as intenções que não se materializaram, as circunstâncias, enfim, que cercam o fato histórico³⁶.

Hoje, mais do que nunca, precisamos reencontrar a mensagem de esperança que nos vem do passado: a ressurreição. Reaprender a vida com as crianças, que escrevem o tema de suas brincadeiras e são seus próprios personagens: "... o papel que cada um representa não é permanente. Não fica ontologizado. Brinquemos de índio e vaqueiro. Hoje eu serei o índio; talvez amanhã eu seja o vaqueiro"³⁷.

Quicá pudesse ainda ser abandonada a caricatura do "homo oeconomicus" — com tudo que ele representa de desumanização — e em seu lugar renascesse a criança para brincar de construir um novo mundo. Uma nova "ordo amoris".

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem., **Hijos del mañana**, Ed. Sígueme, 1974.

ALVES, Rubem., **Domesticação da imaginação na sociedade tecnológica**, obra inédita.

ALVES, Rubem., **Utopia**, obra inédita.

MAQUEO, Roberto Oliveros., **La humanizacion como criacion y esperanza**, tese de doutoramento pela Pontifícia Universitas Gregoriana, Roma, 1978.

TREVOR-ROPES, Hugh., Supl. Cultural, Estado de S. Paulo, 19/10/80.

ANOTAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

(1) Rubem ALVES, **Hijos del mañana**, p. 141.

(2) **Ibidem**, p. 80.

(3) **Ibidem**, p. 219.

(4) **Ibidem**, p. 209.

(5) **Ibidem**, p. 171.

(6) Roberto Oliveiros MAQUEO, **La humanizacion como criacion y esperanza**, p. 197.

(7) Rubem ALVES, **Hijos del mañana**, p. 59.

(8) Roberto Oliveiros MAQUEO, **La humanizacion como criacion y esperanza**, p. 257.

(9) Rubem ALVES, **Hijos del mañana**, p. 158.

(10) **Ibidem**, p. 151.

(11) Rubem ALVES, **Utopia**, obra inédita, p. 27.

(12) Rubem ALVES, **Hijos del mañana**, p. 113.

(13) **Ibidem**, p. 106.

(14) **Ibidem**, p. 113.

(15) Rubem ALVES, **Domesticação da Imaginação na Sociedade tecnológica**, obra inédita, p. 35.

(16) Rubem ALVES, **Hijos del mañana**, p. 108.

(17) Paulo, Rom. 4.17.

(18) Roberto Oliveiros MAQUEO, **La humanizacion como criacion y esperanza**, p. 219.

- (19) **Ibidem**, p. 284.
- (20) Rubem ALVES, **Hijos del mañana**, p. 161.
- (21) Roberto Oliveros MAQUEO, **La humanizacion como criacion y esperanza**, p. 220.
- (22) **Ibidem**, p. 256.
- (23) **Ibidem**, p. 213.
- (24) Rubem ALVES, **Hijos del mañana**, p. 23.
- (25) **Ibidem**, p. 38.
- (26) **Ibidem**, p. 41.
- (27) Roberto Oliveros MAQUEO, **La humanizacion como criacion y esperanza**, p. 213.
- (28) **Ibidem**, p. 216.
- (29) **Ibidem**, p. 217.
- (30) **Ibidem**, p. 213.
- (31) **Ibidem**, p. 203.
- (32) **Ibidem**, p. 204.
- (33) Rubem ALVES, **Hijos del mañana**, p. 81.
- (34) **Ibidem**, p. 81.
- (35) **Ibidem**, p. 83.
- (36) Hugh TREVOR-ROPES, Supl. Cultura, Est. São Paulo.
- (37) Rubem ALVES, **Hijos del mañana**, p. 109.